

A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO FEMININO EM “A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER”, DE SVETLANA ALEXIEVICH

Jessica Corsi Mendes Batista¹

Juliane Simara de Lima Mondim²

Sara Muniz Ribeiro³

Yve Louise Kaminski Penido⁴

Luiz Rogério Camargo⁵

RESUMO

O trabalho A desconstrução do estereótipo feminino na obra “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, de Svetlana Alexievich, visa analisar os aspectos que influenciaram a desconstrução do estereótipo das mulheres russas que lutaram na Segunda Guerra Mundial, buscando responder de que forma a autora desconstrói o estereótipo feminino por meio de entrevistas reais com essas personagens. A metodologia utilizada foi a de pesquisa descritiva-exploratória. O procedimento contemplou a pesquisa bibliográfica, tendo como base para análise de dados a obra “A guerra não tem rosto de mulher” e produções relacionadas tanto no âmbito literário, quanto no acadêmico. Concluiu-se que as mulheres passaram por um severo processo de adaptação ao cenário de guerra, sendo forçadas a deixar de lado a sua face feminina para lutar ao lado do exército masculino e, dessa forma, sobreviver ao conflito. Tais escolhas acabaram resultando em traumas e preconceitos pós-guerra que jamais serão esquecidos por elas, mas que muitas pessoas desconhecem.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Figura Feminina. Estereótipo.

¹ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: je_corsi@hotmail.com

² Aluna do curso de Letras Português e Inglês, FAE Centro Universitário. *E-mail*: julianesmondim@gmail.com

³ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: saramunizz@gmail.com

⁴ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: yve.kaminski@mail.fae.edu

⁵ Orientador da Pesquisa. Professor de Literatura do Curso de Letras Português da FAE Centro Universitário. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Estudos Literários pela UFPR. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz referência à desconstrução do estereótipo feminino em “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, da autora russa Svetlana Alexievich. O reconhecimento mundial da obra, juntamente com a importância histórica e cultural, foi o que impulsionou a realização deste trabalho, visto que a realidade das mulheres russas, que lutaram na Segunda Guerra Mundial, possui muito pouca notoriedade, apesar da imensa contribuição em funções desempenhadas por elas, e seu valor contributivo para a vitória.

A metodologia utilizada é a de pesquisa descritiva-exploratória, esse procedimento contempla a pesquisa bibliográfica, tendo como base para análise de dados a obra e produções relacionadas tanto no âmbito literário, quanto no acadêmico.

O artigo está descrito em três partes, a saber: o estereótipo feminino do século XX, a presença da figura feminina na guerra e o processo de desconstrução do estereótipo da mulher.

O estereótipo feminino do século XX apresenta a concepção do papel da mulher na sociedade dessa época.

A presença da figura feminina na guerra mostra como e porque as mulheres entraram na guerra e quais foram os postos que elas ocuparam durante o conflito.

O processo de desconstrução do estereótipo da mulher revela, por sua vez, quais foram as suas motivações e os problemas que elas enfrentaram ao se depararem com aquele cenário cruel. Fazendo um recorte do momento pós-guerra e como elas são vistas até hoje.

1 O ESTEREÓTIPO FEMININO DO SÉCULO XX

Desde a constituição da sociedade na Idade Antiga, dividida entre a Antiguidade Oriental e a Ocidental, período que se estende desde o surgimento da escrita em 4.000 a.c. até o declínio e a queda do império romano ocidental em 376 d.c, as mulheres e os homens foram subdivididos em papéis divergentes, sendo dado ao homem o papel de provedor da casa e, à mulher, o papel de cuidadora e criadora que pertence exclusivamente ao mundo doméstico. A família patriarcal foi o modelo a ser seguido durante muitos milênios e, em resumo, era constituída pelo pai, o chefe da família; pela mulher, submissa ao marido e criadora dos filhos que eram os descendentes dos homens. Logo, essa relação de poder, sendo, inclusive, bastante incentivada também

pela Igreja, desde a Idade Média, denominava a esposa como “uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência” (PRIORE, 2014, p. 13). Nessa perspectiva, as mulheres não deviam sair de casa sem o marido, empregando seu tempo em bordar e coser, ou no preparo de doces.

Com a visão de que a figura feminina era frágil emocionalmente e sem força física para se defender, automaticamente as mulheres precisavam de um protetor, isto é, necessitavam do homem para viver, pois eram consideradas sentimentais e dóceis, não sendo à toa denominadas pelo sexo oposto como o “sexo frágil”. As mulheres começaram a ganhar espaço no mercado de trabalho no início do século XX, em cargos estritamente femininos, pois necessitavam cuidar dos outros, sendo essa uma noção preconcebida de que todas as mulheres têm instintos maternos.

Isto posto, observa-se que, ao mesmo tempo que a função da mulher começou a mudar durante a Revolução Industrial, os estereótipos envolvendo a figura feminina também mudaram. As mulheres, em sua maioria do proletariado, foram ganhando espaço no mercado de trabalho, primeiramente como mão de obra barata nas fábricas, com uma remuneração inferior à do homem e, em 1900, conseguiram cargos de enfermeiras e professoras.

De acordo com Beauvoir, no final do século XIX, a Rússia foi o país onde o movimento feminista alcançou o maior número de mulheres. Por ser adepto aos ideais das tradições marxistas, Lenin — revolucionário que governava o país na época — uniu a causa das mulheres à dos trabalhadores, garantindo a elas igualdade econômica e política:

O artigo 122 da Constituição de 1936 diz que: “Na URSS, a mulher goza dos mesmos direitos que o homem em todos os campos da vida econômica, oficial, cultural, pública e política” E esses princípios foram especificados pela Internacional Comunista. Esta reclama: “Igualdade social da mulher e do homem perante a lei e na vida prática. Transformação radical do direito conjugal e do código da família. Reconhecimento da maternidade como função social. Entrega à sociedade do encargo de cuidar da educação das crianças e adolescentes. Luta civilizadora organizada contra a ideologia e as tradições que fazem da mulher uma escrava” (BEAUVOIR, 2009, p. 146-147).

Desse modo, percebe-se que, apesar da liberdade e da possibilidade de finalmente fazer parte do desenvolvimento da nação, as mulheres ainda estavam muito presas às suas famílias e aos seus deveres como mães e filhas. Elas ainda precisavam fazer as tarefas da casa, cozinhar, cuidar daqueles que eram do sexo masculino, manter-se bonitas e procurar um marido. A formação social da mulher russa emancipada era uma ideia muito nova, logo, as russas continuavam a se encaixar nos moldes antigos para

ser alguém na sociedade. Nota-se que havia duas forças contrárias que submetiam a figura feminina, ora para as possibilidades da nova liberdade, ora para os costumes enraizados e cheios de julgamentos. Em “A guerra não tem rosto de mulher”, Svetlana Alexievich traz à tona como era o estereótipo feminino da época, ou seja, a ideia que o povo russo tinha de que as mulheres deveriam ter outras preocupações e cuidar de assuntos delicados, mantendo-se distante de algo tão cruel e violento quanto a guerra. Nos relatos, as características do estereótipo da mulher do século XX aparecem muitas vezes, como no relato de Olga Vassílievna:

Para os homens era mais fácil se adaptar a tudo. Àquele cotidiano de asceta... Àquelas relações. Nós sentíamos saudade, muita saudade, de nossas mães, do aconchego. Tinha uma menina de Moscou conosco, Natachka Jílina, ela foi condecorada com uma Medalha por Bravura [...]. Se tínhamos um minuto de descanso, bordávamos algo, um lenço. Nos davam tecido para servir de portianka, mas nós criávamos cachecóis com eles, decorávamos com bordados. Queríamos fazer tarefas femininas. Sentíamos falta de coisas femininas, a situação toda era insuportável. A gente procurava qualquer pretexto para pegar a agulha e bordar algo, nem que fosse para passar um tempo em nossa forma natural. Claro, também ríamos e nos divertíamos, mas nada era como antes da guerra... Era um estado particular... (ALEXIEVICH, 2016, p. 139).

Em geral, as mulheres não tinham a intenção de participar da guerra em cargos não relacionados ao combate direto com o inimigo, como enfermeiras, cozinheiras, telefonistas, entre outros do gênero. Todavia, encontravam forte resistência de seus superiores, homens, os quais as julgavam inferiores e desqualificadas, impedindo-as ou dificultando sua ingressão no *front*, ou em qualquer outra área determinada como ambiente masculino, como dito por Antonina Grigórievna Bondareva (tenente da guarda e piloto):

Na mesma hora me inscrevi no aeroclube. Só que meu pai era categoricamente contra. Até então, todos em nossa família eram metalúrgicos, várias gerações de metalúrgicos e operadores de altos-fornos. E meu pai achava que metalurgia era um trabalho de mulher, mas piloto não (ALEXIEVICH, 2016, p. 71).

Contudo, esses estereótipos antigos vigentes na URSS no período da Segunda Guerra Mundial já se encontravam em conflito, principalmente pelas novas leis que garantiam mais direitos e igualdade às mulheres, direitos estes dos quais homens já usufruíam, bem como maior liberdade e maior participação na vida pública, desviando-a do foco familiar, trazendo uma nova concepção em relação ao papel da mulher em uma sociedade, como descrito anteriormente pela citação do artigo 122 da Constituição da URSS de 1936, e relatado por Vera Danilovtseva (sargento e francoatiradora):

Me convenceram de que eu tinha que estudar. Certo, vou estudar, mas não para enfermeira... Queria atirar! Atirar como ele. De alguma forma eu já estava preparada para isso. Em nossa escola sempre havia apresentações de heróis da guerra civil e de gente que lutara na Espanha. As meninas se sentiam em igualdade com os meninos, não nos separavam. Pelo contrário, desde a infância escutávamos na escola: 'Meninas, para o volante do trator!', 'Meninas, para o manche do avião!'. E ainda tinha o amor! Eu até imaginava como íamos morrer juntos. Na mesma batalha... Estudava no instituto de teatro. Sonhava em ser atriz. Meu ídolo era Larissa Reisner.* Uma comissária mulher com jaqueta de couro. Gostava do fato de ela ser bonita... (ALEXIEVICH, 2016, p. 70).

Dessa forma, a oposição delas perante o sistema familiar patriarcal e o surgimento de novas leis que contribuíssem para a redução das desigualdades de gênero foram importantes elementos que permitiram a participação das mesmas durante a Segunda Guerra Mundial na URSS, contribuindo de maneira significativa tanto para a vitória contra o regime Nazista quanto para a ampliação e disseminação desse novo conceito de mulher na sociedade, derrubando e enfraquecendo rótulos e preconceitos considerados obsoletos.

2 PRESENÇA DA FIGURA FEMININA NA GUERRA

O que teria levado tantas mulheres soviéticas a servirem na Segunda Guerra Mundial? Quais foram suas motivações, por qual razão negaram o direito de dispensar a obrigatoriedade de servir em combate (direito esse garantido por seu gênero)? Por que abandonaram suas casas, suas famílias e abriram mão de sua feminilidade para lutarem, ao lado de homens, contra o regime nazista? Esses são alguns dos questionamentos trazidos pela própria autora, e também por suas entrevistadas, logo no início da obra:

“Que razões obrigaram uma jovem de uma boa família nobre a deixar a casa do pai, renegar seu sexo, assumir tarefas e obrigações que assustam até os homens e se apresentar no campo de batalha — e que batalhas! As da guerra napoleônica. O que a impeliu? Desgostos secretos do coração? Uma imaginação inflamada? Uma propensão inata e indomável? Amor?”. Então, o que será? Mais de cem anos depois, a pergunta continua a mesma... (ALEXIEVICH, 2016, p. 62).

A reflexão e dúvida sobre a tomada de decisão de partir para a guerra pairam sobre praticamente todos os relatos trazidos por Alexievich, evidenciando o quão inusitado e estranho foi esse acontecimento, tanto para as próprias mulheres quanto para a sociedade em geral. Embora o mundo se encontrasse em um ambiente de

guerra no qual todos estavam sendo afetados negativamente, e por mais que a União Soviética desse período (1939-1945) já estivesse cedendo mais direitos e garantindo maior liberdade às mulheres, tratava-se de uma “anormalidade” esse crescente número de mulheres, entre elas jovens e adultas, buscando servir e participar da luta armada contra os nazistas. Muitas dessas garotas fugiam de suas casas para conseguirem ir à guerra, visto que suas famílias não aceitavam a separação e a ideia de ter uma filha lutando. Em outros casos, toda a família da mulher partia para servir e ela recebia incentivo dos pais, que se orgulhavam de ter suas descendentes ajudando os soldados e também fazendo parte da guerra:

Fui convocada, eu era médica. Fui por sentimento de dever. E meu pai estava feliz por ter uma filha no front. Por eu estar defendendo a pátria. Ele foi para o centro de alistamento de manhã cedo. Ia receber meu certificado e foi de manhã cedo de propósito, para que todos na vila vissem que tinha uma filha no front... (ALEXIEVICH, 2016, p. 65-66).

A sensação de impotência, o sentimento de urgência, o desejo por vingança e de acabar logo com a guerra fez com que essas mulheres criassem coragem suficiente para saírem de suas condições socialmente impostas, a fim de disputarem esse espaço de guerra essencialmente masculino com os homens.

Essa resignação engendra a paciência que frequentemente se admira nelas. Suportam muito melhor do que o homem o sofrimento físico: são capazes de uma coragem estóica quando as circunstâncias o exigem: sem a coragem agressiva do homem, muitas mulheres distinguem-se pela calma tenacidade de sua resistência passiva; enfrentam as crises, a miséria, a desgraça mais energicamente do que os maridos; respeitosas do tempo que nenhuma pressa pode vencer, não medem sua duração; quando aplicam sua obstinação serena a algum empreendimento, obtêm, por vezes, resultados brilhantes. “O que a mulher quer...”, diz o provérbio (BEAUVOIR, 2009, p. 590).

Outro fator importantíssimo para essa mudança brusca de comportamento nas mulheres deve-se ao contexto do período da Segunda Guerra Mundial na União Soviética. De acordo com Silvio Pons, em seu artigo *Império, estado e ideologia na URSS stalinista*, a URSS do século XX, comandada por Joseph Stalin, passava por um regime comunista, mais conhecido como Stalinismo, em que houve um amplo incentivo sobre o povo para a adoração ao governo, à pátria e a defesa da mesma, por meio de uma estratégia de temor generalizado sobre a população, a qual mantinha os soviéticos em um constante estado de alerta para uma possível guerra futura, o que se intensificou após a ascensão de Hitler:

As ações políticas de Stalin eram claramente condicionadas por um corpus de princípios axiomáticos. Esses princípios haviam sido irreversivelmente plasmados pela doutrina de Lenin sobre o imperialismo e pelas respostas dos bolcheviques aos eventos internos e internacionais de 1918-1920. Sobre a base da concepção leninista e da concreta experiência consumada na revolução e na guerra civil, os bolcheviques se consideravam protagonistas de uma época de revoltas e guerras. A visão que eles tinham da guerra civil internacional ditou o imperativo de adotar uma estratégia de sobrevivência para a Rússia revolucionária, essencial para manter vivo o projeto de “revolução mundial” que os havia orientado de 1917 em diante, embora com uma intensidade cada vez menor. Stalin se fez intérprete daquela visão e daquele imperativo em meados da década de vinte, quando se impunha tomar providências para pôr fim à época revolucionária na Europa (PONS, 2008, p. 102).

Essa ideologia fomentada na população foi determinante para que uma ampla massa de pessoas, incluindo mulheres, partissem em defesa de sua terra, seu líder e seus ideais, sendo influenciadas e inspiradas também pela abundante propaganda feita pelo governo, que convocava a todos para que lutassem pela nação soviética.

Enquanto para os homens a guerra é contada como um fato histórico, feita por pessoas honradas e de atitudes gloriosas, que engrandecem o ser humano perante o inimigo “inumano” e cruel, a mulher lida com os acontecimentos da forma como eles são; um período de morte, ódio e muito sofrimento. É esse olhar que Alexievich explora em suas entrevistas: a figura da mulher e suas experiências, sentimentos e reconhecimentos de ambas as faces humanas em um período como esse; o lado nobre e o pútrido, desconstruindo um ponto de vista singular da história em várias peças constituídas pelo indivíduo que de fato a viveu, sem adornos e sem arranjos:

A memória feminina sobre a guerra, em termos de concentração de sentimentos e de dor, é a que tem mais “tempo de exposição”. Eu até diria que a guerra “feminina” é mais terrível que a “masculina”. Os homens se escondem atrás da história, dos fatos, a guerra os encanta como ação e oposição de ideias, diferentes interesses, mas as mulheres são envolvidas pelos sentimentos. E mais: desde a infância, os homens são preparados para que, talvez, tenham que atirar. Não se ensina isso às mulheres... elas não se aprontaram para fazer esse trabalho... E elas lembram de outras coisas, ou lembram de outra forma. São capazes de ver o que está escondido para os homens. Vou repetir mais uma vez: a guerra delas tem cheiro, cor, o mundo detalhado da existência. (...) Não importa de que falem as mulheres, nelas estava sempre presente a ideia de que a guerra é só uma matança, e depois, trabalho duro. E então só a vida habitual: cantavam, se apaixonavam, usavam bobes de cabelo. No centro, sempre o fato de não querer e não aguentar morrer. E é ainda mais insuportável e angustiante matar, porque a mulher

dá a vida. Presenteia. Carrega-a por muito tempo dentro de si, cria. Entendi que para as mulheres é mais difícil matar (ALEXIEVICH, 2016, p. 20).

Enquanto os homens cultivavam e engrandeciam a guerra, dignificavam a morte sem considerar o ser humano presente, tornando o ato de matar somente um meio para um fim, as mulheres apresentadas nos relatos de Svetlana possuíam outra visão a respeito de todo esse conflito, considerando-o somente um dever que cabia a elas, do qual as consequentes mortes e sofrimentos foram em vão, visto que a lógica da guerra não fazia sentido a elas.

Em meados do século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres não serviam diretamente no Exército Vermelho, porque elas apenas ocupavam cargos de apoio, como enfermeiras ou no correio, devido ao estereótipo da mulher cuidadora, ou seja, as mulheres tinham o papel de cuidar dos homens como enfermeiras, mas também deviam ser aquelas que esperavam pela volta deles para casa. Contudo, com o desenrolar da guerra, as jovens começaram a receber mais espaço no exército e na batalha, pois elas podiam se alistar para um treinamento especial e severo. Logo, por serem mulheres tão jovens e ingênuas em relação à guerra, elas estavam desprevenidas para o que enfrentariam no front, mesmo com todo o treinamento militar e médico que recebiam no recrutamento. Os homens, ao contrário das mulheres, tinham uma mentalidade oposta, já que desde cedo eram ensinados a proteger e prover: “Uma mãe, ao educar o filho, preparava-o para ser um guerreiro” (ALEXIEVICH, 2016, p. 7), diferentemente, as mulheres eram protegidas dos conflitos exteriores, por serem consideradas emotivas demais para lidarem com a realidade da guerra. Isso se dá pelo fato de que as mulheres tinham um papel exclusivamente pertencente ao mundo doméstico, obedecendo ao estereótipo da época. Observa-se esse fato no relato de Vera Ióssifovna Khóreva, cirurgiã militar, que embalou roupas não apropriadas para o clima rigoroso da natureza que enfrentaria no front: “Quando eu estava me aprontando para ir para o front... Você não vai acreditar... Eu achava que não duraria muito. Logo derrotaríamos o inimigo! Levei uma saia, aliás, minha preferida, dois pares de meias e um par de sapatos” (ALEXIEVICH, 2016, p. 96). Desse modo, devido à ida para a guerra tão cedo e o fato de estarem despreparadas emocionalmente, elas envelheciam prematuramente, obtendo sequelas físicas e psicológicas, dado que tiveram de se adaptar e enfrentar a realidade da guerra.

Outro fato importante a ser observado é o de como as mulheres se enquadravam no contexto de guerra, uma vez que tinham a feminilidade reprimida pelos soldados e generais. Com a visão histórica de que o sexo feminino não poderia fazer parte desse tipo de batalha, os homens em detrimento do poder que tinham na sociedade, viam-

nas como delicadas e inocentes demais para uma guerra, pressupondo que não seriam capazes de discernir o cenário de guerra do cotidiano. Esse foi, inclusive, um dos maiores questionamentos que motivaram e surpreenderam Alexievich durante a escrita do livro:

Antes, eu não me fazia essas perguntas: como era possível, por exemplo, passar anos dormindo em trincheiras inacabadas, ou ao lado de uma fogueira na terra nua, usar botas e capote e, por fim, não rir, não dançar? Não usar vestidos de verão? Esquecer dos sapatos e das flores... E elas tinham dezoito, vinte anos! Estava acostumada a pensar que não há lugar para a vida feminina na guerra. Ali, ela é impossível, quase proibida. Mas eu estava enganada... Bem depressa, já na época dos primeiros encontros, notei: não importa de que as mulheres falassem, até mesmo de morte, sempre se lembravam (sim!) da beleza, que aparecia como uma parte indestrutível de sua existência. (...) Contavam alegremente e com gosto seus ingênuos truques de meninas, seus pequenos segredos, sinais invisíveis, como se, no cotidiano “masculino” da guerra e nos assuntos “masculinos” da guerra, quisessem ainda assim continuar sendo elas mesmas. Sem trair sua natureza. (...) Eu também não conhecia essa guerra. Nem suspeitava de sua existência... (ALEXIEVICH, 216, p. 236-237).

Dessa forma, para estar na guerra e não deixar de lado os costumes aprendidos, as mulheres burlavam o *status quo*⁶, agindo por trás dos olhos masculinos, a fim de nutrirem prazeres por meio de cuidados pessoais e sobreviver psicologicamente à guerra. O homem que guerreava colocava a própria vida em jogo com orgulho, pois ele pretendia viver e matar pela vitória da nação à qual fazia parte. A mulher, por sua vez, sempre foi naturalmente excluída desses eventos, já que a sua delicadeza superaria sua crueldade e, na humanidade, a superioridade é historicamente dada àquele que mata (BEAUVOIR, 2009, p. 81-82). Com o sexo masculino no poder, ditando regras, chegou-se à ideologia de que o sexo feminino não poderia sobreviver nas expedições guerreiras.

Entretanto, com a necessidade de incluir as mulheres no Exército Vermelho e por acreditarem que elas não seriam eficientes, os homens fizeram uma série de exigências para reprimir a presença da feminilidade na guerra, como impor a vestimenta masculina, exigir o corte de cabelo, direcioná-las trabalhos de enfermagem, cozinha, telefonia, entre outros:

⁶ Segundo o Dicionário Léxico Online, “Status quo”: Estado de uma coisa ou de uma situação num determinado momento; designa, geralmente o estado atual das coisas, em sentido neutro: defender o status quo, desafiar o status quo. A expressão latina “in statu quo res erant ante bellum”, que era usada na área da diplomacia e significava “como as coisas eram antes da guerra”, exprimia o desejo de recuperar a situação de poder que existia antes de um estado de guerra. Essa expressão foi reduzida e adquiriu na língua portuguesa o valor de nome, passando a designar-se “status quo”, por influência do inglês.

— O ciclo da interdição: não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências (FOUCAULT, 1998, p. 80).

Ao explicar uma das instâncias do poder do sexo na sociedade, Foucault demonstra claramente que o sexo que tem poder e interesses, impreterivelmente, vai buscar reprimir o submisso. Na guerra, as mulheres não podiam usar maquiagem, cuidar do cabelo, cuidar da pele, costurar ou realizar quaisquer atividades femininas que lhes tirasse a atenção do que realmente importava: a vitória do país. Para os homens, se não era para elas sequer fazerem parte da guerra, jamais deveriam atrapalhar ou se deixar serem atrapalhadas por gostos pessoais. Com essas regras em voga, o *status quo* estava estabelecido. Contudo, essas mulheres adotavam estratégias para desafιά-lo, como Klávdia Ivánovna Térekhova, que era capitã da força aérea, revelou em seu relato:

As meninas vinham para a escola com tranças longas... Com penteados... Eu também usava uma trança em volta da cabeça... Mas como ia lavar? Onde secar? Você tinha acabado de lavar e vinha um alarme, precisava sair correndo. Nossa comandante, Marina Raskova, mandou todas cortarem as tranças. As meninas cortavam e choravam. (...) De dia usávamos botas, e de noite, nem que fosse um pouquinho, calçávamos os sapatos na frente do espelho. Raskova viu, e uns dias depois veio a ordem: devíamos mandar toda a roupa feminina para casa nas remessas (ALEXIEVICH, 2016, p. 99).

A dificuldade para manter esses segredos era muito grande. As ordens vinham, inclusive, de outras mulheres, como as comandantes que obedeciam às regras masculinas firmemente. No relato, pode-se perceber que não deveria haver relutância: as tranças precisavam ser cortadas e, após flagrar o que as meninas faziam, a comandante exigiu que mandassem todos os vestidos e sapatos de volta. Não era permitido usar ou pensar sobre objetos do passado em um lugar no qual se desconhecia o futuro. Apesar do *status quo* aparentar ter como um dos objetivos o de prevenir a morte das mulheres, na realidade, era fundamentado em preconceitos socioculturais.

É indubitável que as mulheres sofreram muito com a violência física e psicológica durante a guerra. O maior exemplo de violência contra o sexo feminino foi o estupro. Os soldados violentavam principalmente as alemãs capturadas, mas não deixavam de praticar tais atos contra aquelas que lutavam do mesmo lado. Sem impedimentos

dos que estavam ao redor, o estupro no cenário de guerra era visto equivocadamente como uma necessidade natural dos homens, o que justificaria os seus atos. Além disso, o estupro é considerado o principal modo utilizado pelo homem para demonstrar a uma mulher que ela foi conquistada e derrotada, uma vez que pela força e poder superiores masculinos, ele logicamente poderia se exaltar como herói no cenário fascista (BROWNMILLER, 1993, p. 49).

Essas práticas hediondas cometidas contra as mulheres, tornavam os dias mais difíceis de suportar no cenário de guerra. A violência se manifestou em suas múltiplas faces nesse cenário, afetando profundamente a capacidade de racionalidade de ambos os lados envolvidos. A crueldade poderia ser justificada pelo desejo de vitória na guerra, porém também havia a necessidade de fazer com que o oponente sofresse exaustivamente antes da morte, que nem sempre era o desfecho.

3 O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER

Com o avanço do Exército Nazista sobre a União Soviética, e a inicial e esmagadora vitória das tropas alemãs sobre o Exército Vermelho, grande parte da população, principalmente as mulheres, sentiu-se impelida a servir e participar da guerra para defender a sua terra, inspirada pelos discursos de Stálin e pelo forte caráter nacionalista do povo soviético. Por um sentimento de dever, uma visão heroica daquele que serviria seu país e lutaria contra o avanço do inimigo, muitas mulheres jovens procuraram deixar suas famílias para se tornarem soldados, aprendendo o básico a respeito de primeiros-socorros e das técnicas para portar uma arma e efetuar o disparo de fato.

Todas tínhamos o mesmo desejo: ir para o front... Medo? Claro, dava medo... Mas não importava... Fomos para o centro de alistamento e nos disseram: "Cresçam, meninas... Vocês ainda estão verdes...". Tínhamos uns dezesseis, dezessete anos. Mas eu dei um jeito, me aceitaram. Eu e uma amiga queríamos ir para a escola de francoatiradores, porém nos disseram: "Vocês vão ser controladoras de tráfego. Não temos tempo de treiná-las" (ALEXIEVICH, 2016, p. 65).

Esse ímpeto em servir e a urgência em acabar com a guerra, além da própria energia e coragem da juventude aliada ao sentimento patriótico cegou, em um primeiro momento, essas meninas para o real horror e sofrimento vividos em uma guerra, gerando assim um choque muito grande entre duas realidades: a primeira, que diz respeito à vida doméstica e escolar, a inocência infantil e o desconhecimento de grande parte das dificuldades da vida – e a segunda, a qual reúne em si as situações

mais extremas e horríveis que um ser humano pode vivenciar e observar, como a morte e o ato de matar. Esse choque entre duas realidades também ocorre pela própria natureza feminina, isto é, o seu caráter sensível contrapondo a brutalidade da guerra e do homem. Enquanto a mulher percebia a guerra como uma matança irracional e cruel, os homens viam a guerra como um meio para a ascensão individual e uma busca por feitos heroicos tanto para si quanto para sua pátria.

Lembro que estava deitada à noite no abrigo de terra. Não conseguia dormir. Em algum lugar, a artilharia estava em operação. O nosso lado atirava às vezes... E eu não tinha vontade de morrer... Fiz um juramento, um juramento de guerra: se fosse preciso, daria minha vida, mas não queria morrer. Mesmo que voltasse viva de lá, a alma iria sentir dor. Agora, acho que seria melhor ter sido ferida nas pernas ou nos braços, que doesse o corpo. Porque a alma... Dói muito. Fomos para o front muito juvenzinhas. Umas meninas. Eu até cresci durante a guerra. Minha mãe mediu... Cresci dez centímetros...” (ALEXIEVICH, 2016, p. 60).

A ideia de que, ao batalhar, tornar-se-iam grandes e honrosas mulheres e de que contribuiriam à sua pátria e salvariam seu povo daquele caos de todo não se mostrou um equívoco, mas o trajeto, a construção dessas mulheres novas, inexperientes e ordinariamente comuns até o alcance de seus objetivos trouxe grandes feridas tanto em seus corpos como em seus espíritos, fazendo com que ao longo dos anos em que estiveram em combate, perdessem sua juventude. Contudo, essa energia e coragem juvenil também serviram, e muito, para que essas mulheres conseguissem se “sustentar” e, mantivessem uma mente sã para continuar a sua jornada em vista do fim das invasões alemãs e da Segunda Guerra Mundial. O sonho de se casar, ter uma família, reencontrar parentes, fazer algo importante e digno, serviu como motivação para essas meninas continuarem a lutar, tornando esse momento não só uma “destruição” da juventude, mas um amadurecimento e crescimento pessoal vivido por poucas pessoas em todo o mundo.

Ter o sexo feminino lutando como o masculino na guerra foi algo inegavelmente impactante para a sociedade patriarcal russa. Para sobreviver e defender a nação, as mulheres foram submetidas a um processo de autodescoberta e ajuste da feminilidade, promovendo a quebra do estereótipo feminino, e mostrando que o “sexo frágil” também segurava uma arma, atirava, pilotava, usava farda masculina e fazia tudo o que os “donos da guerra” também faziam.

As categorias de gênero estão geralmente divididas entre masculinidades e feminilidades, estabelecidas com base na formação do comportamento, das regras e dos estereótipos que deveriam ser aplicados aos seus devidos gêneros. Entretanto,

de acordo com Laura Sjoberg e Canon Gentry, tanto a mulher quanto o homem são seres capazes de praticar a violência. A partir do momento em que um ser humano é livre, ele provavelmente será violento e, assim como os homens, as mulheres também cometem violência – seja por motivos racionais ou irracionais –. A mulher também vê a violência, muitas vezes, como uma saída para os problemas políticos (2007, p. 4-6). Dessa forma, ainda que a sociedade tente definir como os sexos devem agir, é fato que ambos pertencem à raça humana, partilham dos mesmos instintos e são naturalmente predispostos a fazer de tudo para sobreviver, inclusive, adaptar seus hábitos e romper seus estigmas para alcançar um objetivo.

A mesma visão é desconstruída no relato de Maria Pietróvna Smirnova (enfermeira-instrutora), “Carregávamos homens que tinham duas, três vezes nosso peso. E os feridos são ainda mais pesados. Tem que carregar o ferido com a arma, e ele ainda está de capote e botas. Você levanta esses oitenta quilos e carrega” (ALEXIEVICH, 2016, p. 107). Smirnova, a qual pesava 48 quilos, diz que carregava homens do campo de batalha que pesavam o dobro ou o triplo do peso dela, uma atividade que seria irrealizável pelo seu “corpo feminino frágil e fraco”. Com base em seu testemunho, percebe-se que a guerra era muito difícil para as mulheres, porque fazer algo para o qual nunca houve preparo era extremamente desafiador e as forçava a se ajustarem. Deixar de lado os medos, as inseguranças e toda a formação cultural que tiveram antes do conflito foi necessário para estar lá, defendendo a nação e cumprindo com o dever patriota.

No Exército Vermelho, após algum tempo lutando ao lado das mulheres, os homens perceberam que elas eram capazes de se virar. Alguns eram mais resistentes e outros, menos, mas ainda assim, tratavam-nas de modo pejorativo e referiam-se ao futuro delas enquanto mulheres. Essa observação se faz presente no relato de Klávdia Grigórievna Krókhina (primeiro-sargento, francoatiradora), a qual comenta que o comandante supunha que nenhum homem iria querer casar com elas após a guerra, sugerindo que depois de ter estado no conflito, elas não poderiam mais ser consideradas como mulheres para casar, já que aprenderam a serem violentas:

À noite, claro, conversávamos (...) Sobre o que seríamos depois da guerra. Como casaríamos e se nosso marido nos amaria. O comandante ria: “Ê, meninas! Vocês são todas bonitas, mas depois da guerra os homens vão ter medo de casar com vocês. Com essa pontaria, vocês atiram um prato na testa do marido e acabam matando” (ALEXIEVICH, 2016, p. 56-57).

Isso mostra como era grande o preconceito em relação àquelas que deixaram o papel sociocultural feminino de lado para fazer algo que não deveriam. Tal perspectiva é, mais uma vez, histórico-cultural.

Beauvoir discorre sobre essa questão ao mencionar em sua obra *O Segundo Sexo*, a formação do comportamento masculino e feminino no ambiente familiar. Segundo a autora, os meninos teriam sorte por serem sempre encorajados a viver livremente pelo mundo, a fim de formar novas experiências, subindo em árvores, brigando, jogando jogos violentos e se orgulhando de seus músculos, por meio de lutas, esportes e provas. As meninas, por outro lado, são ensinadas a estar em função do bem estar do outro, buscando sempre agradar, como um objeto, “Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito” (BEAUVIOR, 2009, p. 277). De fato, as mulheres eram obrigadas a viver como os homens na guerra: usar fardas masculinas, cortar o cabelo, apertar os cintos e cuidar bem de seus equipamentos.

Durante a construção da humanidade, roupas foram criadas para estabelecer a identidade de gênero do indivíduo, reforçando a diferença entre o masculino e o feminino, por isso, as mulheres usam roupas que sublinham os contornos arredondados, salientando os aspectos que representam a feminilidade; eram roupas restritivas e de tecido fino, as quais davam ênfase às curvas como os quadris e o busto.

Por causa disso, na Grande Guerra, as roupas femininas ficaram menos restritivas, mas ainda não eram tão confortáveis quanto as dos homens, todavia, algumas das jovens mulheres usavam calças, então pareciam rapazes da cintura para baixo. Entretanto, usar roupas de homem não era aprovado por não ser feminino, sendo assim, as mulheres que usavam uniformes masculinos na guerra não eram consideradas mulheres por muitas pessoas “Nunca tinha combatido contra mulheres. Vocês todas são tão bonitas... E nossa propaganda diz que não são mulheres que lutam no Exército Vermelho, mas hermafroditas...” (ALEXIEVICH, 2016, p. 54). Assim, as mulheres que participaram ativamente no campo de batalha eram masculinizadas para se adaptarem ao mundo do homem, portanto, vestiam roupas inadequadas pela “constituição do gênero feminino” e, conseqüentemente, eram rejeitadas ou ridicularizadas.

E, quando voltaram da guerra, enfrentaram outro desafio: de se encaixar ao estereótipo feminino novamente, uma vez que ele já havia sido quase totalmente superado naquele ambiente. Era necessário voltar a usar vestidos e cuidar muito bem da aparência para ser aceita na sociedade e, conseqüentemente, cumprir a função feminina, casando e se dedicando aos cuidados da família patriarcal.

Consequentemente, a inserção da mulher em atividades masculinas, foi tomado como um papel secundário, ignorado pela comunidade histórica como se não tivesse relevância, em virtude da desigualdade de gênero, não sendo reconhecidas pelo que fizeram, mesmo após a árdua participação da figura feminina no front, elas ainda eram subordinadas ao lar, devido aos costumes intrínsecos na sociedade, que julgavam implacavelmente aquelas que não seguiam os padrões estabelecidos socialmente.

Entretanto, a presença do sexo feminino foi sem dúvida significativa para a vitória. Apesar da falta de apoio do seu próprio país em todos os âmbitos, desde armamento para sobrevivência no front, até a falta de segurança entre os próprios soldados russos que cometiam abusos frequentes contra elas, a figura feminina do pós-guerra que teve sua singularidade negada durante todo o conflito, principalmente no que se refere à questão emocional, assim como não foram preparadas emocionalmente para a ir à guerra. Cada uma teve que lidar com suas emoções:

Anunciaram: Vitória! Lembro do meu primeiro sentimento, alegria. E na mesma hora, no mesmo minuto, medo! Pânico! Como ia continuar a vida? Papai tinha morrido perto de Stalingrado. Meus dois irmãos mais velhos foram dados como desaparecidos no começo da guerra. Sobramos mamãe e eu. Duas mulheres. Como íamos viver? (...) Antes tínhamos medo da morte, agora, da vida... (ALEXIEVICH, 2016, p.227).

Era nítido que, a partir do anúncio da vitória, haveria a euforia pelo fim da guerra, entretanto todas sabiam que a volta para casa seria outro conflito que teriam de enfrentar, pois havia a expectativa de quais caminhos suas vidas iriam seguir, já que não eram as mesmas de antes da guerra. Existia a esperança de um futuro próspero, porém todas sabiam que teriam de conviver com as lembranças do combate, dessa forma, era melhor acreditar que o que estava por vir era melhor que a guerra, cada uma a seu próprio modo idealizava a vida que estava preste a recomeçar, como no relato de Olga Vassílievna:

Estávamos viajando e, de repente, escutamos uma música que vinha não se sabe de onde. Um violino...Para mim, a guerra acabou nesse dia (...) Todos nós achávamos que, depois da guerra, depois daquele mar de lágrimas, a vida seria maravilhosa. Todos se tornariam irmãos e irmãs. Como esperávamos por esse dia... (ALEXIEVICH, 2016, p.155).

Com o fim da guerra, além de terem que aprender a lidar com o futuro, as mulheres enfrentaram ainda a falta de mérito pelos serviços prestados à pátria, uma vez que elas não foram reconhecidas pelo que fizeram; as condecorações

recebidas pelos serviços prestados eram, em grande maioria, para funções que melhor traduziam a essência feminina do estereótipo social (enfermeiras, cozinheiras, telefonistas). À elas não foi oferecida uma oportunidade na carreira militar, diferente dos homens, que eram tratados como heróis. As mulheres que combateram com suas respectivas armas e estiveram no campo de batalha foram praticamente esquecidas pela história.

Ah, mais um livro sobre a guerra... Para quê? Já aconteceram milhares de guerras — pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas” (ALEXIEVICH, 2016, p. 12).

As mulheres que combateram e estiveram no campo de batalha foram praticamente esquecidas ou desprezadas pelos outros, visto que também existia a visão de que a mulheres iam para a guerra para procurar um noivo. Nas palavras de Alexievich, tudo o que se conhece da guerra são representações da voz masculina, contada e dramatizada por homens, uma vez que as mulheres são caladas, por si mesmas ou pelo patriarcado que as cercava (2016, p. 6).

CONCLUSÃO

Conclui-se que, de fato, muitas mulheres soviéticas contribuíram na luta contra o Regime Nazista durante o período de Segunda Guerra Mundial, atuando não só em cargos tidos como voltados para o público feminino, mas principalmente como francoatiradoras, fuzileiras e pilotos – cargos comumente associados aos homens. A necessidade de mais pessoas ajudando em combate, a insuficiência de homens disponíveis para servir e o forte apelo patriota gerado pela intensa propaganda comunista, fez com que muitas dessas mulheres saíssem de suas casas e deixassem suas famílias para se alistarem voluntariamente. Porém, ao adentrar o cenário de guerra, a visão romantizada e nacionalista em que elas acreditavam foi desfeita, uma vez que o real contexto era cruel e predominantemente masculino, forçando-as a adaptar sua feminilidade à realidade. Dessa forma, após enfrentar tantos obstáculos e traumas durante a batalha, as mulheres ainda tiveram que lidar com as suas inseguranças e os seus medos ao voltar para a sociedade, defrontando julgamentos da nação que discordava da participação feminina no Exército Vermelho.

Abrangendo todo o espectro cruel da realidade da Segunda Guerra Mundial para as mulheres soviéticas, como a perda da juventude, a violência, a ilusão patriótica em participar da guerra, o abuso e o sexismo, o descaso com elas após a vitória e a dificuldade de reinserção social, a autora propõe a quebra dos estereótipos histórico-culturais que ditam, até hoje, as limitações da participação do sexo feminino em relação a eventos desse porte.

REFERÊNCIAS

ALEXIEVICH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. do russo de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Vozes de Tchernóbil**. Trad. do russo de Sônia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, Idel. **Pequena história da civilização ocidental**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **História das civilizações**. São Paulo: Atlas, 1972.

NÉRÉ, Jacques. **História contemporânea**. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1975.

PIRENNE, Jacques. **Panorama da história universal: as grandes correntes da história universal**. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

PRIORE, Mary Del. **História e conversa de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

SEGRILLO, Angelo. **Os russos**. São Paulo: Contexto, 2012.